

A PROFISSIONALIZAÇÃO E O AUMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

Danielle Arantes Vieira
Mireli Macena Dian
Stela Borges Hakime
Thais Rodrigues Carrijo
Viviana Maria Guerra

Orientadora: Dr. Ana Tereza Jacinto Teixeira

RESUMO

Nos últimos tempos o mercado de trabalho brasileiro vem se desenvolvendo e se ampliando, fruto de novas tecnologias e das aberturas de fronteiras econômicas desencadeada pela globalização, que tem possibilitado ao país se reestruturar, para poder disputar mercados internacionais. Paralelamente à ocorrência de todos estes avanços, a participação da mulher no mercado de trabalho vem adquirindo um papel de grande importância. O trabalho da mulher em nada é inferior ao trabalho do homem, mas, segundo a sociedade capitalista, o seu trabalho ainda não tem o mesmo valor que o do homem. Entretanto, este e outros preconceitos relativos à participação ativa da mulher no cenário econômico, vêm sendo derrubados um a um, frutos de um maior nível educacional adquiridos pelas mulheres e de uma habilidade particular em lidar com problemas administrativos e econômicos tanto nas empresas como até mesmo no trato das atividades do próprio lar.

INTRODUÇÃO

Durante todo o período evolutivo da raça humana, a mão-de-obra utilizada do homem e da mulher tem passado por muitas mudanças. A cada descoberta de um novo instrumento de trabalho, todos os métodos de trabalhos existentes eram modificados.

No início do século XX, era tido como regra geral que o marido deveria ser o provedor do lar. A mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro. Caso alguma mulher viesse a enfiar-se, ou fosse de uma elite empobrecida, esta mulher deveria se virar para se sustentar e aos filhos, fazendo, por exemplo, doces por encomendas, arranjos de flores, bordados e crivos, davam aulas de piano etc. Entretanto, essas atividades além de serem pouco valorizadas, eram mal vistas pela sociedade. Mesmo assim algumas mulheres conseguiram transpor as barreiras do papel de ser apenas esposa, mãe e dona

do lar. A partir da década de 70 as mulheres passaram a conquistar um espaço maior no mercado de trabalho.

Entretanto, a inserção da mulher no mundo do trabalho sempre foi acompanhada, por elevado grau de discriminação, não só no que se refere à qualidade das ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal do mercado de trabalho, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Com um acréscimo de 25 milhões de trabalhadoras entre 1976 e 2002, as mulheres vêm desempenhando um papel muito mais relevante do que os homens no crescimento da população economicamente ativa. Elas estão se especializando, através de estudos e qualificação profissional, promovendo assim, um melhor planejamento familiar e conquistando maior respeito e admiração, pois estão cada vez mais conquistando uma posição atuante, dentro e fora de casa.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: um pouco da história, a participação da mulher no mercado de trabalho, a questão da instrução e a desigualdade em relação a rendimentos (salários), o trabalho da mulher no Brasil e vários dados estatísticos em relação à evolução da mulher no mercado de trabalho.

CONCEITO DE TRABALHO

A origem da palavra trabalho vem do latim vulgar *tripalium* que significa: aparelho dotado de três estacas cujo acionamento torturava o operador.

Já a Bíblia, no livro do Gênesis destaca que o trabalho foi um castigo imposto por Deus aos homens, pela desobediência de Adão, que influenciado por Eva comeu do fruto proibido no paraíso.

Partindo destes princípios Gorz (1982, p. 9), caracteriza o trabalho da seguinte forma:

O trabalho é uma atividade que exerce:

- a. Por conta de um terceiro;
- b. Em troca de um salário;
- c. Segundo formas e horários fixados por aquele que paga;
- d. Visando fins que não são escolhidos por quem o executa.

Já Engels (1986), em seus estudos que tinham por finalidade compreender neles a concepção de trabalho, destaca que o habitat natural onde o homem encontra-se inserido proporciona os materiais que o trabalho transforma em riqueza, porém o trabalho é muito mais que isso, é o

fundamento da vida humana e, até pode-se afirmar que sob determinado aspecto, o trabalho criou o próprio homem.

Engels ainda destaca que, não são somente as mãos, úteis para o trabalho, mas todos os membros do corpo humano. Todos os membros sendo, portanto colocados à disposição do trabalho fazem com que o homem evolua e consolide seus laços societários.

AS CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO NO PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO

Na fase da Pré-História já existia algumas formas de trabalho visto que surgiam elementos que viriam a contribuir para realização desta atividade.

No Período Paleolítico houve o surgimento da linguagem falada, o conhecimento do fogo, o sepultamento dos mortos e a fabricação de armas e utensílios de pedra (de 1 milhão a 25.000 a.C.).

De acordo com Piletti (1999, p. 16),

O grande avanço do homem paleolítico foi a descoberta do fogo, ele através de observação conseguiu utilizá-lo e também como produzi-lo, o processo era simples, batiam uma pedra na outra para sair a faíscas ou esfregando duas madeiras uma na outra para gerar o calor.

Em seguida, no período Paleolítico Superior caracterizado pela fabricação de objetos considerados mais sofisticados como a agulha e anzol, pelas manifestações artísticas e pela magia.

O ser humano iniciou sua vida no planeta como caçador e coletor e transformou-se em produtor de seu alimento. Foi no próximo período, o Neolítico, que os seres humanos passaram a praticar a agricultura, a domesticar animais, a desenvolver a navegação e a criar as primeiras instituições. A Revolução Agrícola provocou a mais profunda transformação na vida material dos seres humanos.

Segundo Pedro (1977, p. 12),

Foi no período neolítico que os homens abandonaram a vida de caçador e de coletor para cultivar cereais e domesticar os animais. As primeiras formas de agricultura se deram pelo cultivo de tubérculos, frutas e hortaliças. Os animais domesticados vieram do hábito deles trazerem os filhotes dos animais selvagens proveniente das caças. Assim o desenvolvimento das forças produtivas no neolítico libertaram o homem da absoluta dependência da natureza, saindo em busca de terras férteis.

A prática da agricultura tornou-se possível quando os grupos humanos deixaram de ser nômades e se tornaram sedentários, ou seja, se fixaram em um só lugar. Também neste período começa a domesticação de animais (cabra, boi, cão, dromedário, etc). O trabalho passa a ser dividido entre homens e mulheres, os homens cuidam da segurança, caça e pesca, enquanto as mulheres plantam, colhem e educam os filhos.

Em decorrência destas transformações, a condição de vida dos seres humanos melhorou, e conseqüentemente provocou o aumento da população, começando a surgir a vida em sociedade. A partir daí, houve o aumento da complexidade das tarefas, das relações humanas e a criação de cidades, com o surgimento do Estado.

Foi no Oriente Médio (às margens dos rios Eufrates, Tigre, Jordão ou nas margens do mar Mediterrâneo) e no Norte da África (às margens do rio Nilo) que se formaram as civilizações que se tornaram sociedades com Estado, abandonando o sistema nômade da Pré-História, marcando o fim da propriedade coletiva e a diferenciação de classes sociais.

Tais civilizações adotaram o modo de Produção Asiático, que possuía as seguintes características: poder político com forte conotação religiosa, economia baseada na agricultura e regime de trabalho servil e escravo.

De acordo com Huberman (1986, p. 3),

Um feudo consistia apenas de uma aldeia e as várias centenas de acres de terra arável que circundavam, e nas quais o povo da aldeia trabalhava. Na orla da terra arável havia, geralmente, uma extensão de prados, terrenos ermos, bosques e pastos. Nas diversas localidades, os feudos variavam de tamanho, organização e relações entre o que os habitavam, mas suas características principais se assemelhavam, de certa forma. Cada propriedade feudal tinha um senhor. Dizia comumente do período feudal que não havia “senhor sem terra, nem terra sem senhor”.

Com o surgimento das aldeias e com uma nova economia, surgiu a chamada divisão do trabalho e a diferenciação social. Estes dois novos tipos de sobrevivência baseavam-se no sexo e na idade: os mais velhos exerciam a autoridade sobre os mais novos. Enquanto que os homens se dedicavam aos rebanhos e à caça, as mulheres praticavam a agricultura e encarregavam-se das tarefas domésticas.

A PROFISSIONALIZAÇÃO DA MULHER NO MUNDO ATUAL

O mundo atual esta passando por uma verdadeira revolução no campo do trabalho. O século XXI está iniciando com um grande progresso econômico e um dramático agravamento do problema do emprego.

Segundo Pastore (1998, p. 5),

Há cerca de um bilhão de seres humanos desempregados ou em condições precárias de emprego em todo o mundo e sem muita esperança de voltar a ter emprego na próxima década. Entre 1990 a 1995, a indústria brasileira eliminou cerca de 450 mil postos de trabalho e o crescimento da população economicamente ativa do Brasil vem desacelerando. Uma crescente maioria de trabalhadores ganha a vida de maneira bem mais precária: são vendedores itinerantes, pequenos varejistas ou artesãos que oferecem todo tipo de serviço pessoal ou transitam entre diversos campos de atividade, diferentes formas de emprego e de especialidade.

Em contrapartida, a mulher vem conquistando uma maior participação neste mesmo mercado de trabalho, que até recentemente, era dominado exclusivamente pela mão-de-obra e idéias masculinas.

Segundo estudo realizado por Pastore (2007), no Brasil, a cada dez anos, a participação feminina aumentou 15 pontos percentuais. O aumento se deu em todas as idades, inclusive entre as mais velhas. O crescimento da participação feminina está ligado às transformações na estrutura das ocupações, à melhoria da educação das mulheres e aos salários mais baixos.

Ainda segundo Pastores, o encolhimento da indústria e a explosão do comércio e serviços, proporcionou uma ampliação de profissões que se adaptaram à capacitação das mulheres tais como as atividades de escritório, educação, saúde, hotelaria e restaurantes, comércio por conta própria, serviços pessoais, informática, comunicações, bancos, seguros, artesanato, esportes, recreação e trabalho doméstico. Além disso, o mundo empresarial expandiu atividades que contém valores bem cultivados pelas mulheres: projetos sociais, arte, cultura e humanização do trabalho.

Já Carvalho e Silva (2009), acrescenta que o desenvolvimento da tecnologia, da informática e das técnicas de gestão, propiciaram um aumento na produtividade e na competitividade das empresas atualmente. Entretanto, tais desenvolvimentos, em geral, não se refletem em uma condição de menos trabalho e/ou maior bem estar para o trabalhador.

A FORMAÇÃO ACADÊMICA DA MULHER

Nos últimos 30 anos, as mulheres dobraram sua participação no mercado de trabalho. As mulheres brasileiras já representam 40,4% da população

economicamente ativa no país. Coincidentemente, elas têm se preocupado mais do que os homens com a instrução. A Fundação Seade mostra que, em 1994, 35% das mulheres contavam com o ensino médio completo. Ao final da década, esse número chegou a 43% (PASTORE, 1999).

De acordo com um estudo realizado por Pastore em 1999, as mulheres já seriam muito mais educadas do que foram há trinta anos atrás e já ultrapassavam os homens. Nos Estados Unidos, a proporção de homens com nível universitário passou de 16% em 1970 para 28% em 1998. Entre as mulheres, o salto foi muito maior, de 11% para 29% (PASTORE, 1999).

Segundo o mesmo estudo, no Brasil ocorreram as mesmas tendências. Entre os que têm curso universitário incompleto, 55% são mulheres e 45% são homens. No caso de curso completo, as mulheres superam os homens, de 51% para 49%.

O rendimento escolar das meninas brasileiras é superior ao dos meninos. No primeiro grau, a taxa de aprovação feminina é de 81%; a masculina, 78%. No segundo grau, 88% para as mocinhas e 80% para os rapazes.

Conforme estudo feito por Teixeira et al (2009), dos 18.500 alunos matriculados nos cursos de mestrado e doutorado da USP, mais de 50% são mulheres.

Ao lado dessas transformações, a mulher vem ganhando precisão e eficiência na área em que atua. Em média, o seu nível educacional tem sido 37% mais alto do que o dos homens. Muitas profissões que eram tipicamente masculinas hoje em dia já estão sendo dominadas por mulheres, por exemplo, os médicos, advogados, dentistas, arquitetos, juízes, jornalistas, servidores públicos e outras do campo técnico e universitário (TEIXEIRA et al, 2009).

Segundo Pastore (2007), a mulher tem respondido às exigências crescentes do mercado de trabalho em quase todos os níveis. Em 2002, apenas 9,3% das empregadas domésticas tinham curso médio ou mais. Em 2006, a proporção saltou para 14,2%. O incremento na remuneração dessas empregadas indicam que as famílias demandam pessoas com mais preparação para cuidar da casa e das crianças.

De acordo com Probst (2005),

Na empresa do conhecimento, a mulher terá cada vez mais importância estratégica, pois trabalha naturalmente com a diversidade e processos multifuncionais. A sensibilidade feminina, por exemplo, permite a constituição de equipes de trabalho marcadas pela diferença e pela heterogeneidade. E isso é bom? Certamente que sim. Equipes desse tipo, quando atuam de forma sinérgica, fazem emergir soluções variadas e criativas para problemas aparentemente insolúveis. A empresa que aposta na singularidade de seus interlocutores internos se torna mais inteligente, mais capaz e mais ágil.

Já em um levantamento realizado pelo Seade, constatou-se que, ultimamente, as mulheres estão estudando mais do que os homens, mesmo assim seus salários continuam menores.

Por outro lado Teixeira et al (2009), ao analisar o comportamento das grandes empresas e multinacionais, detectou uma situação diferente, apenas de ser uma minoria, as mulheres apesar de ganharem menos que os homens nos cargos de gerência e supervisão, as executivas que assumem um posto na diretoria superam a renda dos homens que ocupam o mesmo cargo. Isto tudo devido suas habilidades adquiridas pela sua qualificação.

O processo educativo em que as mulheres estão se submetendo estão contribuindo para aumento de sua participação no mercado de trabalho e também para a sua própria auto-estima.

Pois segundo Pastore (1999),

As mulheres, quando educadas, cuidam melhor da sua saúde e da saúde da família, em especial, das crianças. Mães educadas transferem bons hábitos de higiene para os filhos e orientam suas vidas de modo mais seguro. Elas ajudam as crianças na escola, reduzindo a repetência e a evasão. Ou seja, a educação da mulher se transfere para as gerações seguintes.

Um outro dado importante refere-se ao fato de as mulheres trabalharem mais do que os homens. Na verdade, o uso do tempo da mulher é muito diferente do homem. O tempo remunerado é maior entre os homens e o não remunerado é maior entre as mulheres.

Mesmo quando as mulheres trabalham fora, elas fazem a maior parte do serviço de casa, após o expediente normal do trabalho. Em raros casos, os homens ajudam as mulheres nos afazeres do lar.

PARTICIPAÇÃO ATIVA NO MERCADO DE TRABALHO

Aos poucos as mulheres estão ampliando a sua participação dentro da economia nacional, em 1973, apenas 30,9% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil era do sexo. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), em 1999, elas já representavam 41,4% do total da força de trabalho. Quatro anos depois, em 2000, mais 62 mil mulheres ingressaram pela primeira vez no mercado, aumentando a participação em 1,1 ponto percentual (PASTORE, 2007).

Segundo Pastore (2007), as atividades das mulheres no do empreendedorismo também vem crescendo. Atualmente, cerca de 38% das pequenas e microempresas do Brasil são iniciadas por mulheres. A média mundial, estimada pela London School of Economics, é de 30%. Porém o autor destaca que, em se tratando de Brasil, grande parte dessas empresas são

informais, onde as condições são precárias, mesmo sendo assaliadas.

No período de uma década, o número de mulheres brasileiras que adquiriram imóveis sendo responsáveis também pelo mesmo aumentou de 18,1% para 24,9%, segundo os dados da pesquisa *Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil*, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com Raquel (2008), as mulheres estão assumindo cargos estratégicos nas empresas em que atuam, além de atuarem como administradora do lar e educadora dos seus filhos. Uma das principais características apresentadas pelas mulheres é que possuem mais habilidade de lidar com estruturas não hierárquicas, enquanto que os homens operam melhor com estruturas hierárquicas. Isso ocorre devido à própria natureza da mulher, a qual ao longo dos anos vem se adaptando a diferentes situações, nos diferentes papéis que desempenha na sociedade.

As mulheres também estão avançando a sua participação nas áreas da cultura da política e judiciário. Nélide Piñon, em 1996, tornou-se a primeira mulher a ocupar a Presidência da Academia Brasileira de Letras. Madaleine Albright foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Secretário de Estado nos Estados Unidos. No judiciário, cerca de 25% dos cargos de juizes são ocupados por mulheres. Nas cortes superiores a presença da mulher está se tornando cada vez mais freqüente.

VALORIZAÇÃO DO TRABALHO FEMININO

De acordo com Pastore (2007), o que se tem visto, em relação à remuneração do trabalho feminino é que, para as mesmas profissões e níveis educacionais, as mulheres ganham cerca de 30% a menos do que os homens. Entretanto, esta diferença vem diminuindo com o passar dos anos, da mesma maneira que o acesso das mulheres às posições de chefia, gerencia e diretoria vem aumentando.

Nas áreas das artes, comunicação, tecnologia da informação, e no setor público em geral, a ascensão é mais rápida. Mesmo nos altos níveis da administração governamental, a participação tem se ampliado, tendo uma boa reputação. Tanto que 61% dos homens brasileiros acham que com mais mulheres nos cargos públicos, o governo seria bem melhor.

RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E PROFISSÃO

Até recentemente, o marido e a mulher, quando estavam em casa, envolviam-se intensamente com o trabalho e administração da propriedade. Os pais e os filhos mantinham-se uma distância social, ora por força do respeito, ora por força do autoritarismo, e na maior parte das vezes pelos dois motivos.

Já fora de casa, homens e mulheres tinham espaços e tempos separados. Os homens gozavam de uma liberdade quase ilimitada para conduzir

suas carreiras e praticar suas atividades de lazer. Por outro lado, as mulheres mantinham-se nos limites estreitos de uma liberdade constrangida e envolvidas com as tarefas do lar.

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, a sua responsabilidade familiar também aumentou. As mulheres, ao contrário dos homens, sofrem mais com o estresse de uma carreira, pois as pressões dentro e fora de casa duplicam. Elas dedicam-se tanto ao trabalho quanto o homem e, quando voltam para casa, instintivamente dedicam-se com a mesma intensidade ao trabalho doméstico. Embora alguns homens ajudem em casa, não chegam nem perto da energia que a mulher tende a dar.

Segundo Pastore (2007), cerca de 30% das mulheres que trabalham são responsáveis pelo domicílio. Dentre elas, 50% moram só com os filhos, sem cônjuge. Os dados também indicam que os maridos brasileiros dedicam, em média, apenas 0,7 hora do seu dia para o trabalho do lar. As mulheres que trabalham fora de casa põem quatro horas diárias.

Os aparelhos educacionais públicos, em todos os níveis, sobretudo de educação infantil (as creches) são resultantes de luta, principalmente, das mulheres trabalhadoras que, tendo que adentrar ao mercado de trabalho para aumentar a renda familiar passaram a não ter onde deixar os seus filhos e filhas.

CONCLUSÃO

Enquanto as mudanças tecnológicas supõem uma destruição de postos de trabalho numa empresa, a inovação de produto parece implicar, ao contrário, a criação de novas funções e geralmente de novos postos de trabalho. Para isso, necessitam-se novas aptidões, buscam-se novas competências, nascem novos perfis de posto e surgem novas trajetórias de mobilidade, já que estas mudanças dependem diretamente da inovação do produto. Evidentemente, neste caso também, e se da a circunstância, algumas pessoas podem ser demitidas não por culpa da máquina propriamente dita, mas sim pelo abandono de produtos velhos, enquanto outras pessoas podem ser mais valorizadas devido a sua fácil adaptação às novas exigências do mercado de trabalho.

Mesmo sabendo que existe muito coisa ainda a ser feita, os dados disponíveis indicam que a mulher brasileira conquistou um amplo espaço no mercado de trabalho nos últimos 30 anos. Nesse período, a sua situação educacional e de renda melhorou e a sua contribuição para o crescimento econômico foi decisiva, além do que, as mulheres ganharam muito mais liberdade do que ao longo de toda a sua história. Hoje o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século. Além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade assim como os homens, ela aglutina as tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa.

O grande desafio para as mulheres dessa geração é tentar reverter o quadro da desigualdade salarial entre homens e mulheres.

O talento profissional e a disciplina de trabalho estão transformando as mulheres em sérios concorrentes dos homens no mercado de trabalho. Em última análise, isso traz benefícios para as mulheres e os homens. Ao acirrar a competição profissional, a força de trabalho como um todo avança na produtividade e na qualidade do trabalho realizado.

Os problemas caem na casa das desigualdades de gênero e terão de ser resolvidos, em grande parte, por ampliação do emprego e novas posturas dos homens.

A evolução das condições de trabalho, como foi demonstrado durante todo o trabalho vem mostrar que o sistema de trabalho atual e as condições impostas pelo mercado por si só, não vão garantir o crescimento e desenvolvimento econômico e social de toda a população brasileira e aí é que a ação do Estado e das outras organizações sociais (os sindicatos, outras organizações da sociedade civil, etc.) devem definir sua participação na tomada de decisão, ou como escolher o caminho em benefício da valorização do trabalho tanto da mulher quanto do homem independente das normas pré-conceituais impostas pela classe dominadora.

Referências:

CARVALHO E SILVA, Jose Antonio de. *Estresse na Instituição de Trabalho: Machismo e o Papel da Mulher*. Disponível em: < <http://www.sqeqrj.org/artigos/machismo.htm>>. Acesso em 12 apr. 2009.

ENGELS, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. São Paulo: Global Editora, 1986.

GORZ, A. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HUBERMAN, L. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1986.

PASTORE, José. *O desemprego tem cura?*. São Paulo: Makron Books, 1998.
_____. José. *A mulher e o trabalho*. São Paulo: RT, 2007.

PEDRO, Antonio. *História da civilização ocidental*. São Paulo: FDT, 1977.

PILETTI, Nelson Claudino. *História & vida: da pré-história à idade média*. São Paulo: Ática, 1999.

PROBST, Elisiana Renata. *A evolução da mulher no mercado de trabalho (2005)*. Disponível em: < <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em 19 apr. 2009.

RAQUEL, Tatiane. *A evolução da mulher no mercado de trabalho (2008)*. Disponível em: < <http://www.webartigos.com/articles/5115/1/a-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/pagina1.html>>. Acesso em 12 apr. 2009.

TEIXEIRA, E. M. A. et al. *A mulher e o trabalho*. Disponível em: < <http://br.geocities.com/educatrabalho/trabmulh.html>>. Acesso em 14 apr. 2009.